

SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO

PRINCÍPIO ALFABÉTICO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: FATORES DETERMINANTES NO TEMPO DE LEITURA DE CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ana Paula Rigatti Scherer¹

RESUMO

O estudo trata do tempo de leitura de não-palavras e da leitura e compreensão de frases de dois grupos de crianças alfabetizadas por diferentes abordagens metodológicas. O Grupo A foi alfabetizado com explicitação do princípio alfabético e atividades de consciência fonológica, e o Grupo B sem explicitação do princípio alfabético, somente o nome das letras, e sem o uso de atividades de consciência fonológica. Tanto na leitura de não-palavras como na leitura e compreensão de frases o Grupo A obteve tempos menores, revelando que a explicitação do princípio alfabético e atividades de consciência fonológica auxiliam na decodificação e na compreensão leitora. Com esses achados, conclui-se que a explicitação do princípio alfabético, aliada a atividades de consciência fonológica, deve fazer parte da metodologia do professor para que os alunos tenham melhor desempenho em leitura.

Palavras-chave: Tempo de leitura. Decodificação. Compreensão leitora. Princípio alfabético.

INTRODUÇÃO

Ler é uma capacidade altamente complexa, é exclusiva do ser humano e importante na sua comunicação. Entretanto, a complexidade da leitura acaba sendo pouco percebida por um leitor hábil, já que seu foco de atenção não se detém no processo da atividade leitora, mas no produto final da leitura: a compreensão da mensagem.

Quando se observa um indivíduo aprendendo a ler, é possível verificar as etapas que vai percorrendo até realizar uma leitura fluente. Primeiramente é necessário que ele decifre o código da mensagem para depois compreender aquilo que o escritor pretendeu informar.

Essa primeira etapa que o aprendiz percorre, desenvolve-se, na maioria dos casos, na escola, no ensino formal da leitura e da escrita. O aluno precisa dominar o código de sua língua (decodificar) para compreender os textos. É nessa fase que o papel do professor torna-se fundamental em sala de aula: fazer o aluno conhecer o código alfabético. Conhecendo o código alfabético, o aluno é capaz de decifrar mensagens escritas e posteriormente construir seu significado. É provável, então, que, decifrando o código escrito com dificuldade ou lentidão, o aluno levará mais tempo para compreender o texto.

Acredita-se que alunos que recebem explicitação do código alfabético e realizam atividades de consciência fonológica em sala de aula terão maior facilidade na decodificação do código escrito, facilitando também a compreensão leitora.

O presente artigo pretende investigar o tempo de leitura de não-palavras de crianças alfabetizadas por duas diferentes abordagens: uma com explicitação do princípio alfabético e atividades de consciência fonológica, e outra sem uso da explicitação do princípio alfabético (somente o nome das letras) e sem uso de atividades de consciência fonológica. O artigo também pretende investigar o tempo de leitura e compreensão de frases nos mesmos grupos, verificando se a velocidade na leitura de não-palavras tem relação com a velocidade de leitura e compreensão de frases.

METODOLOGIA

A presente pesquisa realizou-se com 10 sujeitos: 5 pertencentes a uma turma de 1ª série na qual a professora dá ênfase à explicitação do princípio alfabético, ou seja, relaciona cada letra com o nome e com o som (fonema) que representa (Grupo A), e 5 crianças pertencentes a uma turma de 1ª série na qual a professora utiliza um método de alfabetização no qual não é habitual explicitar o princípio alfabético, apenas informa o nome das letras (Grupo B). É importante salientar também que uma grande diferença entre

a metodologia empregada nas duas turmas é que na turma do Grupo A a professora realiza diariamente atividades de consciência fonológica e na turma do Grupo B isso não ocorre.

As crianças foram escolhidas respeitando os seguintes critérios:

- não serem repetentes;
- não terem comprometimentos em nível cognitivo, emocional ou perceptivo;
- terem estado no nível pré-silábico da psicogênese da escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985) no mês de março de 2006 e estarem no nível alfabético no mês de novembro de 2006.

As crianças escolhidas já faziam parte da população da pesquisa de doutorado da pesquisadora, já tendo autorização dos pais por meio de Consentimento Informado. As turmas das quais as crianças faziam parte, eram observadas desde março de 2006 e seguiam sendo observadas até novembro do presente ano para o levantamento de dados da tese de doutorado. As professoras dessas turmas receberam treinamento no ano anterior a respeito de uma abordagem diferenciada em seu método de alfabetização. Elas estudaram aspectos da lingüística relacionados a alfabetização, letramento e consciência fonológica, e, com isso, a importância de ensinar aos alunos não só as letras do alfabeto, mas os fonemas que elas representam.

Em novembro de 2006, a pesquisadora escolheu algumas dessas crianças para outra amostragem, no caso, para a realização da pesquisa deste artigo. A amostra da presente pesquisa contou com o levantamento do tempo de leitura de não-palavras e do tempo de leitura e compreensão de frases.

Os instrumentos utilizados para coleta da amostra foram uma lista de 25 não-palavras, conhecidas também como pseudopalavras (BRODACZ, 1998) e de 8 frases constituídas por ordens (ZIMMER, 1999) que a criança deveria cumprir após a leitura.

Não-palavras ou pseudopalavras são conjuntos de caracteres pronunciáveis, mas carentes de significado e que estão, portanto, fora do dicionário ou léxico do idioma. Na leitura de não-palavras, é necessário que o leitor realize a decodificação grafofonêmica, a partir da aplicação de regras de correspondência grafema-fonema (CAPOVILLA e cols., 2000). A lista de 25 não-palavras era formada por cinco palavras de duas sílabas, cinco de três sílabas, cinco de quatro sílabas, cinco de cinco sílabas e cinco de seis sílabas.

O levantamento do tempo de leitura realizou-se em duas etapas: leitura de não-palavras e leitura e compreensão de frases.

Na primeira etapa, a pesquisadora informava à criança que ela iria ler palavras um pouco “esquisitas”, que nunca havia lido antes. A pesquisadora solicitava que a criança deveria lê-las em voz alta logo que visse a palavra, não lendo somente “com os olhos”.

As palavras eram colocadas à frente da criança uma de cada vez, começando pelas dissilábicas, após as trissilábicas, até as de maior número de sílabas. O tempo era medido com cronômetro assim que a criança iniciava a leitura do primeiro grafema até a leitura do último grafema da palavra.

Após o término da leitura de não-palavras, a pesquisadora informava à criança que ela iria ler algumas frases. Essas frases dariam pequenas ordens, ela deveria lê-las em silêncio e assim que terminasse a leitura, cumprir a tarefa ordenada pela a frase. As frases eram colocadas à frente da criança uma de cada vez. Assim que a pesquisadora colocava a frase à frente da criança, acionava o cronômetro, que só era desacionado quando a criança iniciava a ação solicitada pela frase. O tempo da ação não era medido, já que o que importava era a compreensão do que deveria ser feito e isso a criança mostrava assim que iniciava a ação solicitada.

O tempo medido foi anotado em uma planilha para posterior análise.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em três partes: tempo de leitura de não-palavras, tempo de leitura e compreensão de frases e a relação entre o tempo de leitura de não-palavras com o tempo de leitura e compreensão de frases.

1. Tempo de leitura de não-palavras

Os resultados do tempo de leitura de não-palavras do Grupo A apresentam-se no quadro da Figura 1. As crianças do Grupo A foram alfabetizadas com explicitação da relação letra-som e atividades de consciência fonológica.

No quadro as não-palavras são apresentadas em ordem crescente conforme o número de sílabas, seguidas dos tempos de leitura (em segundos) dos 5 sujeitos do Grupo A (S1, S2, S3, S4 e S5). Na parte inferior do quadro, apresentam-se as médias de tempo de leitura de cada sujeito, seguidas da média total do tempo de leitura do Grupo A (2.53 segundos).

Nº de sílabas	Não-palavras	S1	S2	S3	S4	S5
2 sílabas	PAFA	0.91	0.69	2.22	0.66	2.57
	BLETA	0.87	0.81	0.97	1.16	1.13
	DARCO	1.37	1.16	2.69	1.82	4.10
	GOLCA	1.00	0.84	2.75	1.03	3.25
	SUSTA	0.90	1.53	1.75	0.85	1.78
3 sílabas	ZASCATU	1.90	2.91	3.41	1.78	4.22
	GADUBA	1.09	0.97	1.19	1.18	3.50
	CORZEVA	1.43	1.28	2.78	1.35	1.97
	PRETIGO	1.34	0.90	1.97	1.12	1.90
	PRUFAXO	1.13	1.18	9.97	2.19	2.84
4 sílabas	MUFASATA	1.94	1.81	2.43	1.53	3.81
	PERCALENA	1.62	1.62	1.94	1.60	3.65
	CASTALIDA	1.81	1.63	3.07	1.59	1.96
	BEZAGUTA	1.49	1.94	3.68	2.06	1.69
	ZEBELENA	1.78	1.54	3.03	2.00	2.06
5 sílabas	CARAPELIDE	2.06	2.72	3.56	2.28	2.62
	PASCALINETO	2.47	3.69	5.38	2.78	2.50
	CANJAVAZILHA	2.40	3.53	5.69	3.00	3.93
	PRACATILESCA	2.50	2.72	3.78	2.75	2.41
	CREDAFAZINA	2.78	2.44	3.58	3.03	6.40
6 sílabas	XASAFELINETO	2.53	3.00	4.68	3.50	4.75
	GUMARREDOLINA	2.63	4.00	2.91	3.34	4.82
	QUENTAPEZINAGO	2.75	3.84	4.19	2.94	4.50
	ALMENICATARO	3.34	4.00	4.62	4.19	3.22
	TIPATENIZADO	2.32	3.41	2.97	2.21	3.13
	Média de tempo	1.85	2.17	3.41	2.08	3.15
Média total = 2.53						

Figura 1: Quadro do tempo de leitura das 25 não-palavras realizada pelo Grupo A (em segundos)

Os resultados do tempo de leitura de não-palavras do Grupo B apresentam-se no quadro da Figura 2. As crianças do Grupo B foram alfabetizadas sem a explicitação da relação letra-som, a professora dava maior ênfase ao nome da letra. Não foram utilizadas atividades de consciência fonológica.

Assim como no quadro da Figura 1, as não-palavras são apresentadas em ordem crescente conforme o número de sílabas, seguidas dos tempos de leitura (em segundos) dos 5 sujeitos do Grupo B (S1, S2, S3, S4 e S5). Na parte inferior do quadro, apresentam-se as médias de tempo de leitura de cada sujeito, seguidas da média total do tempo de leitura do Grupo B (3.65 segundos).

Nº de sílabas	Não-palavras	S1	S2	S3	S4	S5
2 sílabas	PAFA	1.98	3.00	3.87	1.04	2.03
	BLETA	3.09	1.34	13.96	1.09	1.43
	DARCO	3.72	1.43	1.60	1.41	1.78
	GOLCA	2.78	1.53	4.63	1.32	3.43
	SUSTA	2.47	1.19	5.75	1.13	3.18
3 sílabas	ZASCATU	4.32	1.97	3.00	1.87	2.31
	GADUBA	2.72	1.72	1.44	1.44	1.00
	CORZEVA	2.75	1.88	4.54	1.78	2.44
	PRETIGO	4.38	1.72	2.22	1.81	1.60
	PRUFAXO	5.94	1.37	5.47	1.75	1.88
4 sílabas	MUFASATA	3.25	2.50	2.38	2.09	4.00
	PERCALENA	3.98	3.34	9.47	2.31	3.53
	CASTALIDA	3.50	2.12	4.12	1.94	2.62
	BEZAGUTA	2.68	3.38	2.97	2.60	3.13
	ZEBELENA	3.03	2.06	3.51	2.72	2.00
5 sílabas	CARAPELIDE	4.28	4.18	5.13	3.72	3.28
	PASCALINETO	4.50	3.28	4.34	3.09	3.50
	CANJAVAZILHA	6.72	3.16	7.59	3.56	5.93
	PRACATILESCA	5.53	2.96	6.41	2.94	3.72
	CREDAFAZINA	5.03	3.91	12.22	3.88	3.28
	XASAFELINETO	7.22	3.41	11.59	3.03	5.25
	GUMARREDOLINA	7.38	3.97	4.47	5.00	4.16

6 sílabas	QUENTAPEZINAGO	6.09	3.97	6.03	4.28	5.58
	ALMENICATARO	7.98	3.32	6.44	3.37	4.06
	TIPATENIZADO	5.56	3.34	5.59	2.94	3.38
	Média de tempo	4.43	2.64	5.54	2.48	3.14
Média total = 3.65						

Figura 2: Quadro do tempo de leitura das 25 não-palavras realizada pelo Grupo B (em segundos)

É verificado que o Grupo A apresentou tempos de leitura menores que os do Grupo B. A média total do Grupo A foi de 2.53 segundos, enquanto que do Grupo B foi de 3.65 segundos.

Apesar da diferença de tempo de leitura entre os Grupos A e B, há algo de semelhante em ambos os grupos: o aumento dos tempos de leitura (de forma não-linear), ocorre conforme o aumento do número de sílabas. Isso pode ser verificado no gráfico das Figuras 3 e 4. O gráfico da Figura 3, em forma de linhas, apresenta a média de tempo de leitura de cada uma das 25 não-palavras, dos Grupos A e B.

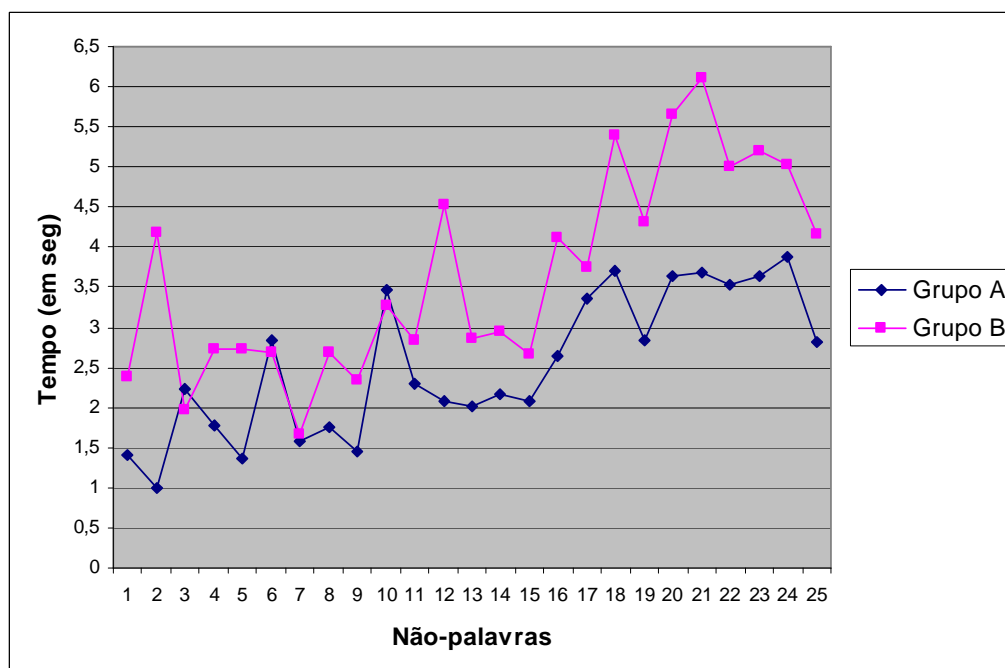


Figura 3: Gráfico comparativo da média de tempo de leitura de não-palavras entre os Grupos A e B

Já o gráfico da Figura 4, em forma de colunas, traz a média de tempo de leitura das não-palavras agrupadas por número de sílabas, de ambos os grupos. Observa-se que o aumento de tamanho das colunas conforme o número de sílabas vai crescendo. Isso ocorre, indiscutivelmente, nos Grupos A e B.

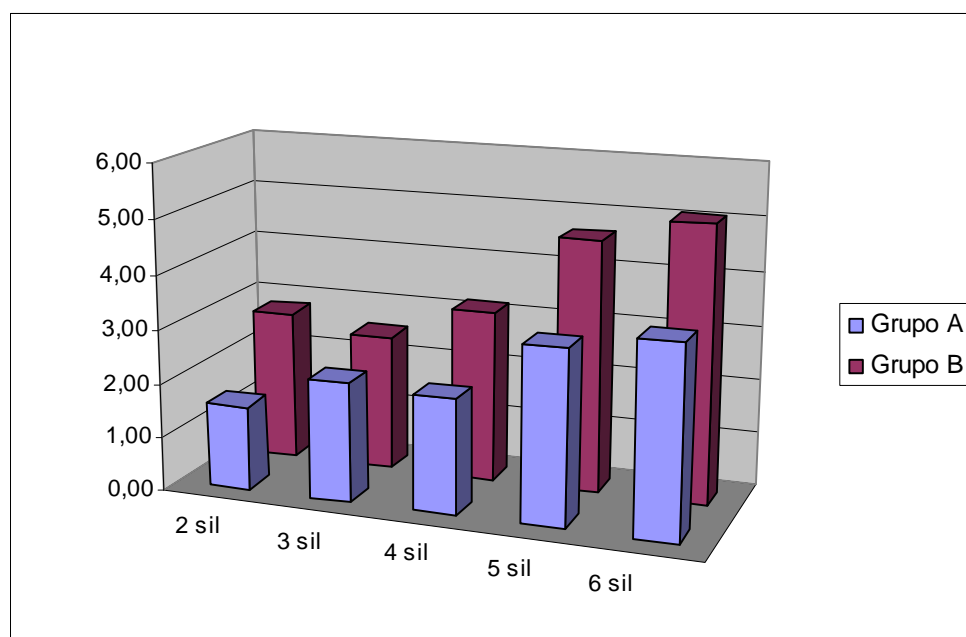


Figura 4: Gráfico comparativo da média do tempo de leitura das não-palavras agrupadas em número de sílabas entre os Grupos A e B.

Mesmo não sendo de forma linear, é visível o aumento do tempo representado pelas linhas e colunas. Se uma linha for traçada do início ao fim de ambos os gráficos, em cada grupo, sua configuração será de forma crescente.

2. Tempo de leitura e compreensão de frases

A apresentação dos resultados do tempo de leitura e compreensão de frases será apresentada pelos quadros das Figuras 5 e 6, respectivamente. Assim como os quadros dos resultados da leitura das não-palavras, os quadros dos resultados da leitura e compreensão

de frases apresentam as frases utilizadas para leitura, seguidas dos tempos de leitura e compreensão de cada sujeito (S1, S2, S3, S4 e S5) e na parte inferior, a média total do tempo de leitura e compreensão do grupo.

Frases	S1	S2	S3	S4	S5
DIGA OI	2.44	2.81	4.91	4.88	3.63
BATA PALMAS	2.65	3.25	9.22	6.25	4.31
VIRE A CABEÇA	3.12	4.53	5.28	4.66	3.35
ANDE ATÉ A PORTA	4.94	3.40	12.37	4.28	4.47
LEVANTE AS MÃOS	2.97	2.35	4.63	5.10	4.38
PISQUE OS OLHOS	3.06	2.46	12.22	3.31	3.22
SACUDA OS OMBROS	5.03	3.16	8.32	6.22	4.57
COLOQUE A MÃO NO NARIZ	6.03	3.66	7.28	4.66	12.00
Média de tempo	3.78	3.20	8.02	4.92	4.99
Média total = 4.98					

Figura 5: Quadro do tempo de leitura e compreensão de frases do Grupo A (em segundos)

Frases	S1	S2	S3	S4	S5
DIGA OI	27.53	6.90	27.69	8.41	15.18
BATA PALMAS	21.91	4.16	11.47	10.00	3.00
VIRE A CABEÇA	6.91	11.97	7.60	4.18	3.59
ANDE ATÉ A PORTA	25.84	3.75	38.88	4.87	5.85

LEVANTE AS MÃOS	13.37	3.03	7.26	5.78	7.00
PISQUE OS OLHOS	14.32	23.00	5.97	4.00	2.81
SACUDA OS OMBROS	18.85	6.53	32.03	5.00	5.58
COLOQUE A MÃO NO NARIZ	9.16	6.40	21.25	6.38	13.00
Média de tempo	17.23	6.11	19.02	6.08	7.00
Média total = 11.51					

Figura 6: Quadro do tempo de leitura e compreensão de frases do Grupo B (em segundos).

Observam-se, novamente, menores tempos de leitura no Grupo A, sendo que a média total do grupo foi de 4.98 segundos e a do Grupo B, de 11.51 segundos.

O gráfico da Figura 7 mostra essa diferença. Ele traz a média do tempo de leitura e compreensão de cada frase pelos Grupos A e B.

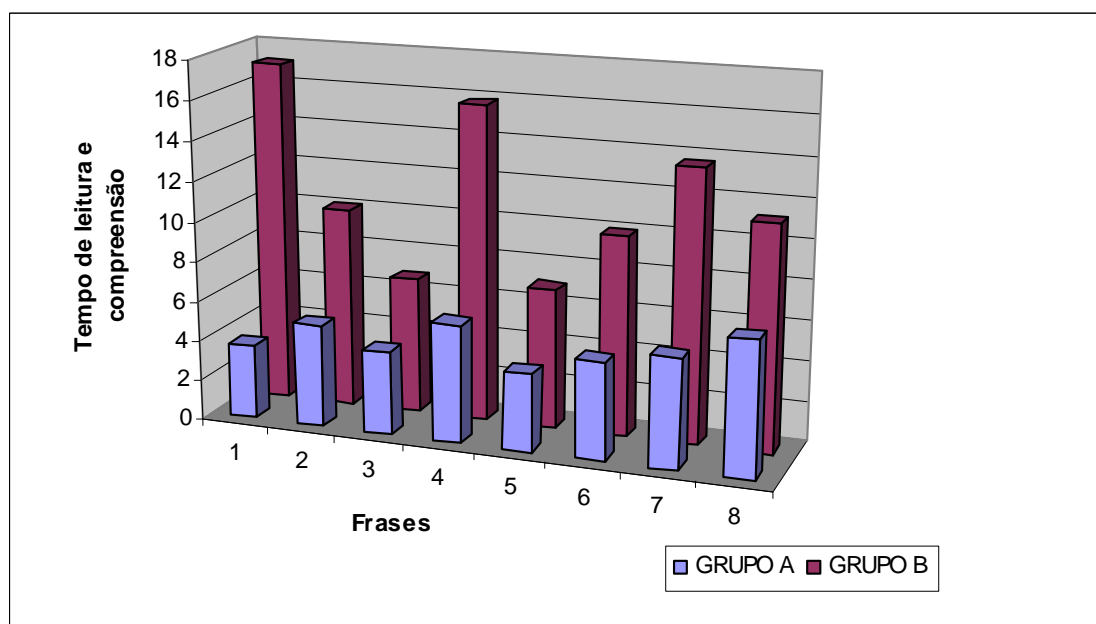


Figura 7: Gráfico da média do tempo de leitura e compreensão de cada frase pelos Grupos A e B (em segundos).

Apesar de a diferença ter sido considerável, há similaridade na diferença de tempo de leitura e compreensão das frases, entre os grupos, com exceção da primeira frase. O gráfico da Figura 8 traz a média do tempo de leitura e compreensão de frases de cada sujeito do Grupo A e B. Nota-se a similaridade do formato das curvas de cada um dos grupos.

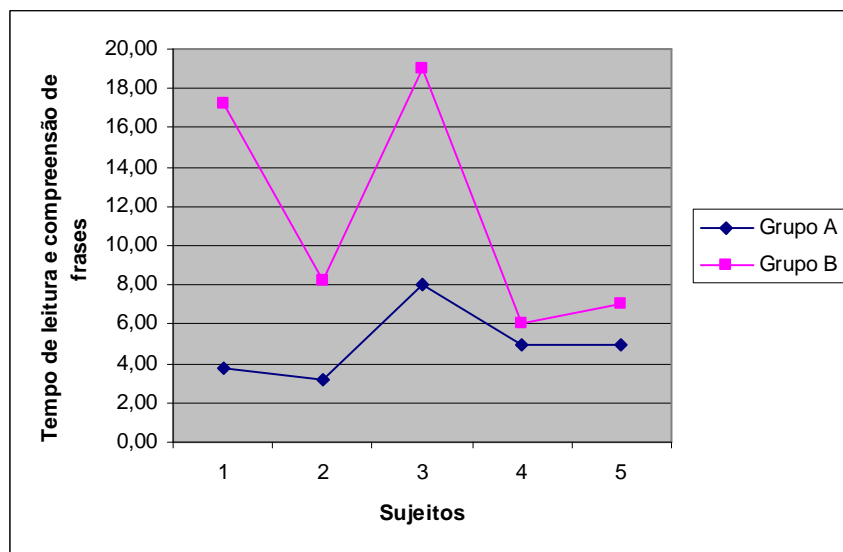


Figura 8: Gráfico da média do tempo de leitura e compreensão de frases dos Grupos A e B (em segundos).

3. Relação entre o tempo de leitura das não-palavras com a leitura e compreensão de frases

Com os resultados vistos acima, pode-se verificar que em ambas as categorias leitura de não-palavras e leitura e compreensão de frases, o Grupo A obteve menores tempos de leitura que o Grupo B, podendo-se supor que o menor tempo de leitura de não-palavras tenha relação com o menor tempo de leitura e compreensão de frases. Os gráficos da Figura 9 possibilitam uma melhor visualização desses achados. Em cada categoria de leitura, os sujeitos do Grupo A obtiveram menores tempos de leitura que os sujeitos do Grupo B.

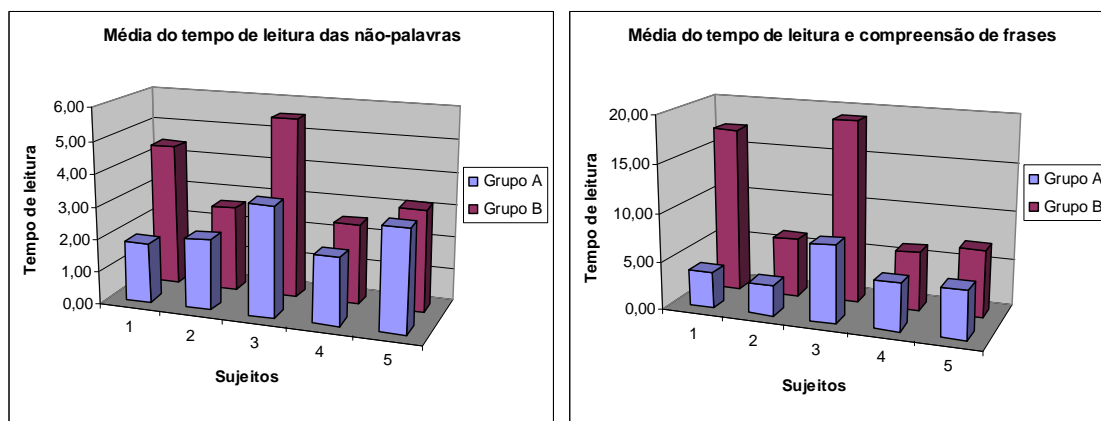


Figura 9: Gráficos da média do tempo de leitura das não-palavras e da leitura e compreensão de frases (Grupos A e B)

Um último aspecto a ser observado pode ser verificado no gráfico da Figura 10. Nele aparecem as médias totais em ambas as categorias de leitura avaliadas: não-palavras e frases. As colunas que representam o Grupo A são menores que as do Grupo B, porém na leitura de não-palavras a diferença entre A e B é bem menor que na leitura de frases.

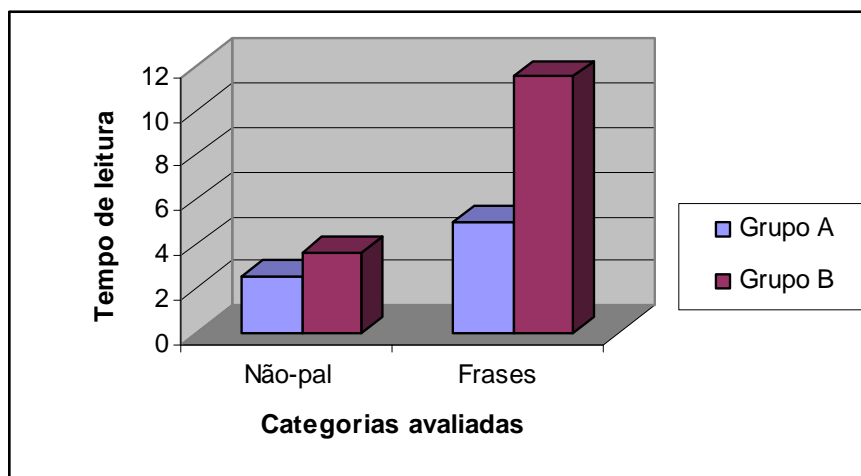


Figura 10: Comparativo da média total de leitura de não-palavras e leitura e compreensão de frases dos Grupos A e B.

Outros achados poderiam, ainda, ser investigados. Porém, para este artigo, consideram-se esses resultados suficientes para discussão e levantamento de algumas conclusões.

DISCUSSÃO

As duas categorias avaliadas neste trabalho foram a leitura de não-palavras e a leitura e compreensão de frases. Foram testadas crianças alfabetizadas por duas diferentes abordagens metodológicas, representadas pelos Grupos A e B. Os resultados apresentados no item anterior confirmam o que, de certa forma, se pressupunha no início deste artigo.

Em relação à leitura de não-palavras, o Grupo A apresentou tempos inferiores aos do Grupo B. A média total de tempo do Grupo A foi de 2.53 segundos, enquanto que do Grupo B foi de 3.65 segundos. Esses resultados confirmam o que refere Moraes (1996), o qual julga necessário dominar o princípio alfabético para conseguir identificar a grande maioria das palavras conhecidas e indispensável para a identificação de palavras novas. As crianças do Grupo B não receberam explicitação direta das letras e dos seus sons correspondentes e, apesar de terem realizado a leitura, levaram mais tempo que as crianças do Grupo A.

Além disso, as crianças do Grupo B não realizaram, durante o ano letivo, atividades de consciência fonológica, ao contrário das crianças do Grupo A, que as realizava todos os dias. Esse fato corrobora com Hogaboam e Perfetti (1978) que verificaram um baixo grau de sensibilidade fonológica nos sujeitos que demoravam mais para recodificar palavras. As crianças do Grupo B provavelmente não tinham um desempenho em consciência fonológica semelhante às do Grupo A. Aplicar o teste de Consciência Fonológica não foi objetivo da pesquisa deste artigo, porém algumas dessas crianças realizaram essa testagem para a pesquisa de Doutorado da autora e esta encontrou diferenças significativas entre as crianças alfabetizadas com e sem ênfase na explicitação do código alfabético. Crianças que recebem essa instrução e realizam atividades de consciência fonológica apresentam melhor desempenho em consciência silábica e fonêmica do que as crianças alfabetizadas sem essa abordagem.

Outro aspecto observado foi o fato de que tanto no Grupo A, como no Grupo B, o tempo de leitura aumentava na medida em que aumentava o número de sílabas das não-palavras (ver gráficos das Figuras 3 e 4). Esse fato confirma achados de Rey et al. (1998) referindo que palavras com maior número de grafemas levam mais tempo para serem identificadas. Quanto maior a extensão da palavra, maior o tempo de leitura.

O tempo de leitura do Grupo A não foi só menor que no Grupo B na leitura de não-palavras, mas também na leitura e compreensão de frases. A média de tempo de leitura e compreensão de frases do Grupo A foi 4.98 segundos, enquanto que a do Grupo B foi de 11.51 segundos. Novamente o Grupo A sobressai-se em relação ao Grupo B, confirmando a hipótese de que receber instrução a respeito do código alfabético influencia positivamente tanto na decodificação, quanto na compreensão leitora. Na pesquisa de Evans e Carr (1985), na qual compararam dez classes alfabetizadas por método fônico com outras dez alfabetizadas por método global, foi verificado que nas classes de método fônico houve correlações positivas entre a compreensão em leitura e diversas medidas das capacidades da criança (desenvolvimento sintático, comprimento médio das expressões, etc.), mas nas classes de método global essas correlações foram negativas. A pesquisa dos autores confirma a importância de realizar as relações letra-som na recodificação, para a posterior compreensão da leitura.

Assim como houve similaridade do tempo de leitura entre as não-palavras nos Grupos A e B, isso também ocorreu em relação à leitura e compreensão das frases. Esse fato pode ser observado no gráfico da Figura 8. O traçado das linhas dos Grupos A e B parece ter o mesmo formato, indicando que as características das frases (comprimento, complexidade e duração) são vistas da mesma forma pelos sujeitos de ambos os grupos. A diferença encontra-se no tempo em que ocorre a leitura e a compreensão.

Até aqui foi visto que o Grupo A manteve seus tempos de leitura inferiores aos do Grupo B tanto na leitura de não-palavras, quanto na leitura e compreensão de frases. No entanto, o objetivo deste artigo não é somente descrever esses resultados, mas também relacionar esse menor tempo na leitura de não-palavras com o menor tempo na leitura e compreensão de frases, mostrando que o uso da explicitação da relação letra-som na alfabetização pode favorecer a decodificação e a compreensão leitora.

Os gráficos da Figura 9 trazem as médias dos tempos de leitura de não-palavras e leitura e compreensão de frases dos Grupos A e B, respectivamente. Visualizando-os um ao lado do outro, é possível comparar o desempenho dos dois grupos em ambas as tarefas. O Grupo A realizou em menos tempo tanto a leitura de não-palavras, quanto a leitura e compreensão de frases. Pergunta-se, então: destreza na decodificação pressupõe destreza na compreensão?

Perfetti (1977) refere que o conhecimento da língua e a decodificação são bases da compreensão leitora. Perfetti e Hogaboam (1975) salientam que, quanto mais memória de trabalho é despendida na busca da decodificação, menos memória o leitor terá para buscar o significado das palavras. Defendem, então, que quanto menor é a capacidade do leitor para decodificar, menor será sua capacidade de compreensão, e que quanto mais hábeis forem os leitores, mais rapidamente lerão pseudopalavras e isso poderá colaborar no processo de compreensão. O Grupo A decodificava com mais destreza, mostrando que na leitura das frases levava menos tempo para compreendê-las.

McGuinness (2006) também refere que fracas habilidades em decodificação e lentidão na leitura levam a dificuldades na compreensão.

Apesar de o Grupo A ter obtido menores tempos em ambas as categorias, a diferença entre os Grupos A e B na leitura de não-palavras foi menor do que a diferença na leitura e compreensão de frases. O gráfico da Figura 10 mostra esse comparativo. Explica-se haver maior diferença na leitura e compreensão de frases, pelo fato de que o Grupo B possa estar realizando a leitura de frases (não são pseudopalavras) por processo fonológico, e não ortográfico. Na leitura das não-palavras, ambos os grupos necessitaram realizar a leitura utilizando o processo fonológico, pois não reconheciam, em seu léxico, nenhuma daquelas palavras. Já na leitura das frases, o leitor que visualiza palavras reconhecidas pelo seu léxico, identifica-as como um todo sem a necessidade de recodificá-la letra por letra, lendo mais rápido. Isso é confirmado por Hogaboam e Perfetti (1978) referindo que o leitor hábil dá mais atenção às propriedades semânticas do *input*, e que o leitor com menos habilidade dá mais atenção aos fatores fonéticos e visuais do texto. No caso desta pesquisa, os sujeitos do Grupo A mostram que são leitores mais hábeis que os do Grupo B, pois decodificaram mais rápido e, conseqüentemente, compreenderam as frases com mais facilidade.

CONCLUSÃO

Enfim, verifica-se ao final deste trabalho, que a capacidade de recodificar, isto é, realizar a correspondência letra-som durante a leitura é a primeira etapa vivenciada pelo leitor. Essa etapa é seguida da decodificação (leitura da palavra como um todo), como se a recodificação fosse automatizada. Para haver compreensão, é necessário que as duas etapas anteriores sejam realizadas com destreza, para que o leitor, então, possa construir sentido naquilo que lê. Quanto mais a etapa recodificação/decodificação é desenvolvida, melhor o aluno avançará no processo de compreensão leitora, pois, como já citado anteriormente, compreender não é decodificar, mas a decodificação antecede a compreensão do texto.

Há de se salientar, ainda, que a abordagem metodológica do professor é fundamental para desenvolvimento do aluno no processo da leitura. O aluno deve dominar o princípio alfabético para fazer uso da recodificação leitora. Junto a isso, deve realizar atividades de consciência fonológica que são fundamentais no aprimoramento do processo de conhecimento do código alfabético.

Dominando o princípio alfabético e levando em conta a importância social que tem a leitura, o leitor principiante terá melhores condições de chegar a uma melhor fluência e compreensão de leitura.

ALPHABETIC PRINCIPLE AND PHONOLOGICAL AWARENESS: IMPORTANT FACTORS ON READING TIME OF THE CHILDREN DURING READING LEARNING

ABSTRACT

The study is the reading time non-words and reading and understanding the sentences of two groups of children literate by different methodological approaches. Group A was literate with explicit principle of alphabetical and activities of phonological awareness and the Group B without explicit principle of alphabetical, only the name of the letters, and without the use of phonological awareness activities. Both the reading of non-

words like in the reading and understanding of the phrases Group A received minor stroke, revealing that the explicit principle of alphabetical and phonological awareness activities to assist the reader in understanding and decoding. With these findings concluded that the explanation of the alphabetic principle allied of the activities phonological awareness should be part of the methodology of the teacher for students to have better performance in reading.

Keywords: Reading time. Decode. Comprehension reading. Alphabetic principle.

NOTA

- 1 Fonoaudióloga da Secretaria Municipal de Educação de Guaíba-RS. Mestre em Letras, Doutoranda em Letras – PUCRS.

REFERÊNCIAS

- BRODACZ, Raquel. *Um estudo sobre a memória de trabalho em crianças com desvios fonológicos*. Porto Alegre: PUCRS, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- EVANS, M. A.; CARR, T. H. Cognitive abilities, conditions of learning, and the early development of reading skill. *Reading Research Quarterly*, v. 20, p. 327-350, 1985.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- HOGABOAM, Thomas W.; PERFETTI, Charles A. Reading skill and the role of verbal experience in decoding. *Journal of Educational Psychology*, v. 70, n. 5, p. 717-729, 1978.
- MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- PERFETTI, Charles A. Language comprehension and fast decoding: some psycholinguistic prerequisites for skilled reading comprehension. In: GUTHRIE, J. T. *Cognition, curriculum and comprehension*. Newark: IRA, 1977, p. 20-41.
- _____; HOGABOAM, Thomas. Relationship between single word decoding and reading comprehension skill. *Journal of Educational Psychology*, v. 67, n. 4, p. 461-469, 1975.

REY, A. et al. A phoneme effect in visual word recognition. *Cognition*, v. 68, p. 71-80, 1998.

ZIMMER, Márcia C. *A relação entre memória de trabalho e a recodificação leitora em crianças de 1ª série*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.